

ENTREVISTA COM A MUSICOTERAPEUTA ESTADUNIDENSE DR^a CONCETTA M.TOMAINO

A ENTREVISTA FOI CONCEDIDA NO DIA 14 DE SETEMBRO DE 2013 NAS DEPENDÊNCIAS DA FACULDADES EST, POR OCASIÃO DO XIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA E O V FÓRUM DE MUSICOTERAPIA DA AMT-RS.

190

Estavam presentes na entrevista membros do Corpo Editorial da Revista Brasileira de Musicoterapia e os musicoterapeutas Camila Acosta Gonçalves e Renato Sampaio que auxiliaram na tradução da entrevista. A entrevista foi gravada em áudio e posteriormente traduzida pelo musicoterapeuta Gustavo Gattino.

Camila Acosta Gonçalves – Dr^a Concetta, inicialmente nós gostaríamos de saber como você começou na musicoterapia?

Concetta - É uma história interessante, porque a minha primeira graduação foi em pré-medicina (em biologia e química).

Renato Sampaio - Fazendo um parênteses, cabe dizer que o curso de medicina nos Estados Unidos é um curso de pós-graduação. Você faz uma graduação em uma outra área pré-médica e depois faz a pós-graduação como se fosse um mestrado, o qual já daria o título de médico.

Concetta- Na universidade em que eu estudei, havia a possibilidade de tocar trompete (eu toco trompete) dentro do programa de música. Eu queria estudar trompete com o professor do curso de música. No entanto, para poder estudar eu teria que fazer a faculdade de música também. Assim, eu fiz ao mesmo tempo, ciências e música (dupla graduação). Eu me encantei pela oportunidade de ter mais contato com a música clássica e com outros tipos de música que eu não tinha contato até então. Eu descobri o campo da musicoterapia no terceiro ano de faculdade, entretanto, para estudar no programa de musicoterapia eu teria de começar uma graduação desde o início. Por sorte, o diretor de prática de conjunto do meu curso de música era o mesmo diretor da prática de conjunto na Universidade de Nova York. Ele me disse que a Universidade de Nova York havia iniciado um mestrado em musicoterapia em 1971 (eu estive na universidade realizando a minha graduação de 1972 até 1976). Por sorte, eu pude continuar os meus estudos. Depois, eu realizei alguns cursos de

psicologia para ter uma boa base e em seguida ingressei no mestrado em musicoterapia na Universidade de Nova York. A minha primeira área de prática e de interesse foram as crianças com prejuízos e necessidades especiais. E mesmo quando ainda estava na faculdade, eu fiz uma antecipação de estudos da musicoterapia e realizei algumas disciplinas optativas na área de infância e desenvolvimento infantil. No meu estágio, eu tive a oportunidade de trabalhar na área da geriatria e então os meus interesses em ciências e musicoterapia se encontraram. Porque eu vi respostas de pessoas que eram rotuladas sem possibilidades de forma muito positiva através da música. Na época, o meu treinamento estava baseado em músico-psicoterapia (multicognitiva psicoterapia) e eu me deparei com situações relacionadas a aspectos neurológicos. Não havia evidências neurológicas nos anos 70 sobre mudanças ou desenvolvimentos voltados ao cérebro nesse contexto. Assim, o meu interesse em música e cérebro começou lá. A minha grande sorte foi que o meu segundo emprego é o lugar onde eu estou até hoje. Em 1980, surgiu o cargo de musicoterapeuta no Beth Abraham Family of Health Services e foi onde eu conheci o Dr. Oliver Sacks.

Renato - Esse é o hospital onde ele foi trabalhar também e onde ele desenvolveu um trabalho que deu no livro "Tempo de despertar".

Camila- Nós gostaríamos de saber sobre essa parceria com Oliver Sacks. Como foi o primeiro encontro?

Concetta- Antes, eu preciso falar de uma senhora que trabalhava lá, com um trabalho semelhante ao do musicoterapeuta, mas que não tinha o treinamento formal. Ela era a musicista que o Oliver Sacks conheceu. Ela tinha 80 anos de idade. Ela era fabulosa e foi dela que Oliver Sacks fala em seu livro. Ela também era consciente do campo da musicoterapia e lá ela se alinhou no hospital com o campo da fisioterapia, trabalhando música e reabilitação junto com os fisioterapeutas. E a partir do trabalho dela que Oliver Sacks teve a oportunidade de ser exposto a este trabalho de música com os seus pacientes. Quando eu fui para o Beth Abraham (hospital) com ele, eu vi no mural do laboratório, em pedaços de papel, o seguinte escrito: "todo problema ou doença é um problema musical, toda solução e toda cura tem uma solução através da música". O Dr. Sacks é um homem muito envergonhado e eu sabia que seria difícil fazer este contato físico mais próximo com ele. No entanto, eu estava determinada porque eu sabia sobre música e musicoterapia e estava focada em dizer para ele sobre o meu interesse a respeito da música no cérebro. Ele trabalhava como neurologista clínico duas vezes por semana no hospital e quando os pacientes estavam esperando para realizar um exame, eu sugeri a ele que os pacientes deveriam ser observados a partir da sua relação com a música. Nós conversamos o porquê alguns pacientes eram tão responsivos a música, apesar das poucas respostas em outros tipos de terapia que eles realizavam. Logo, eu e o Dr. Sacks ficamos muito próximos, apesar de eu já ter conhecido ele antes.

Camila - Como você sabia que era ele?

Concetta - Eu cresci no Bronx (Nova York) e ia de bicicleta até o espaço mais próximo que era o City Island. Ele ia até lá para caminhar. Dessa forma acabamos nos encontrando. Ele era muito pobre antes de ficar famoso e ele inclusive queria uma bicicleta. Eu o ajudei a comprar a sua primeira bicicleta e ajudei a arrumar a maçaneta da casa dele. Somos grandes amigos.

Camila- Ok. Você estava dizendo então que vocês ficaram bem próximos a partir das discussões dos casos.

Concetta- Então, dentro do interesse mostrado nas minhas perguntas, ele compartilhou comigo os diários dos pacientes (que estão incluídos no livro "Tempo de despertar) e os livros sobre doenças neurológicas da biblioteca dele, muito famosos no campo da neurologia. Esta foi a minha primeira formação em neurologia a partir dos livros desta biblioteca. Então eu disse a ele sobre musicoterapia (e ele diz isso), porque antes disso ele pensava que era somente o papel da escuta musical ou do benefício musical, não necessariamente a música como forma de terapia para se obter resultados benéficos. Então, quando eu fui presidente da Associação Americana de Musicoterapia, eu vi a transição entre a publicação do livro "O tempo de despertar" e o filme de mesmo nome. E partir disso, eu comecei a trazer o Dr. Sacks para dar palestras para musicoterapeutas dentro desse contexto de música e terapia. Nós tivemos uma grande oportunidade de vê-lo falar em Washington bem no período da reformulação de um estatuto intitulado "Ato Americano para os Idosos ". Dentro dessa reformulação, revisou-se o antigo estatuto já existente, onde houve a possibilidade de incluir a musicoterapia como uma modalidade essencial para os idosos dentro deste estatuto (1991).

Camila- Você poderia falar um pouco sobre a organização da Associação Americana de Musicoterapia (como ela é organizada e como ela contribui para o campo da musicoterapia)?

Concetta - A atual associação de musicoterapia americana (American Music Therapy Association, AMTA) é a combinação da "National Association of Music Therapy (NAMT)" e da "American Association of Music Therapy (AAMT)". Portanto, a combinação dessas duas associações, que se unificaram na década de 90, representa hoje os milhares de musicoterapeutas nos Estados Unidos. A licença para trabalhar como musicoterapeuta nos Estados Unidos é concedida pela Associação Americana de Musicoterapia através de um teste que oferece a certificação profissional (board certification) ao musicoterapeuta. A associação aprova e examina os currículos e os programas dos cursos de musicoterapia, trabalha na captação de recursos e ainda realiza intervenções dentro das questões específicas de cada região (licenças de trabalho, seguros e outras formas de convênio) para que os profissionais consigam atuar tendo respaldo oficial. Por isso que existem as associações regionais de musicoterapia onde estas se reúnem regularmente para tratar de

assuntos locais. Dessa forma, a associação americana é a voz nacional da profissão e muitas vezes interfere quando a musicoterapia está má representada ou em questões de compensações financeiras para os musicoterapeutas.

Camila - A Associação Americana de Musicoterapia atua então como um sindicato?

Concetta - Não exatamente. Depende de onde os musicoterapeutas trabalham. O credenciamento concedido pela associação (*board certification*) realmente representa a profissão dando suporte e esclarecimento sobre a prática do musicoterapeuta. Todavia, em certos estados, como o estado de Nova York, o musicoterapeuta recebe uma licença como terapeuta de arteterapia criativa e dessa maneira os musicoterapeutas têm um espaço na área política para tratar sobre a manutenção dos seus espaços, bem como para tratar de questões laborais.

Camila - Nos Estados Unidos a licença de musicoterapeuta (*board certification*) é solicitada pelos contratantes do serviço?

Concetta- Em alguns estados.

Renato - Não me referindo a licença, mas é necessário estar filiado a Associação Americana para desempenhar o exercício profissional?

Concetta- A primeira solicitação é a licença (*board certification*) dada pela associação e o estado reconhece isso como uma padronização para que o profissional esteja licenciado. Nós precisamos proteger o consumidor da musicoterapia e a pessoa que não passou por esse processo de licenciamento não está habilitada para a prática de musicoterapia.

Camila - Você poderia nos dar um número de quantos musicoterapeutas estão atuando hoje nos Estados Unidos?

Concetta - Eu não estou certa, mas acho que o número é próximo de 6000 musicoterapeutas.

Camila - Nós sabemos que no Brasil muitas vezes o reconhecimento da musicoterapia é tímido . Dentro da realidade americana, como o musicoterapeuta está inserido e como é o reconhecimento do trabalho da musicoterapia perante a sociedade?

Concetta - É ainda um desafio. Ela está sendo mais reconhecida principalmente pelo trabalho que é divulgado na mídia, trazendo a atenção do público em geral sobre o que é musicoterapia. Por exemplo, há 5-10 anos atrás nós estávamos felizes de ver a musicoterapia estar sendo divulgada nas notícias em muitos lugares. Hoje, se você colocar a palavra "musicoterapia" no google, você verá 5 ou 6 novas postagens (ou trabalhos) sobre o tema por dia.

Nos Estados Unidos esta é a história sobre a musicoterapia. Ao mesmo tempo, a classe médica (onde o Dr.Sacks teve uma grande participação nisso) conhece ainda mais a musicoterapia e o trabalho do musicoterapeuta.

Renato - Como o cargo de musicoterapeuta está empregado dentro dos estados americanos? Existem cargos nas instituições de saúde pública? Ou dentro das instituições privadas, existe algum convênio com os órgãos governamentais para incluir o musicoterapeuta no tratamento de algumas populações?

Concetta- existem diferentes formas do musicoterapeuta estar empregado. No serviço público, há uma descrição na parte de recursos humanos para o cargo de musicoterapeuta em hospitais militares para veteranos e especialmente na área psiquiátrica em que muitas vezes há a descrição de terapia recreativas onde a musicoterapia está inserida. Na educação é um desafio e muitas vezes o espaço é destinado à educação especial. Em geriatria, nas instituições de cuidado prolongado, é entendido que a música é importante e estas instituições têm facilitado o financiamento para contratação de um músico-musicoterapeuta para atuar nesta área. A área de neuroreabilitação é nova e não se tem recursos para o pagamento de musicoterapeutas, apesar de se saber da importância desse trabalho. Esta é uma área que eu tenho batalhado, já que não há um retorno financeiro por parte do governo. Muitos musicoterapeutas iniciaram outros trabalhos privados em músico-psicoterapia ou ainda atuando na área da educação , educação especial ou reabilitação.

Renato - A partir da sua iniciativa de cadastramento e busca de recursos para o trabalho de musicoterapia e reabilitação, vocês estão tentando procurando algum financiamento específico para este trabalho ? Como isso tem funcionado?

Concetta - Em muitas áreas, nós financiamos quando possível. Nos Estados Unidos existem dois grandes fundos de financiamento na área medica: *Medicare* e *Medicate*. Nas suas regulações, existem certas condições para que o dinheiro possa ser aplicado para a musicoterapia. Por exemplo, pode ser aplicado para pessoas com traumatismo crânio-encefálico, crianças com necessidades especiais e cuidados intensivos para reabilitação. Assim, a musicoterapia pode ser incluída em uma destas áreas e eles podem pagar dentro deste enquadramento. O financiamento é mais difícil na parte de planos de saúde privados. Nós temos pesquisas baseadas em evidências e apresentamos estes resultados para as empresas. Assim, eles podem reconhecer trabalho da musicoterapia e abrir espaços para a musicoterapia. Estas pesquisas a ser apresentadas devem ser unicamente ensaios controlados randomizados duplo cegos. As áreas que têm sido apresentadas como promessas são a reabilitação física e a reabilitação da fala.

Camila - e na área social ou comunitária. Existe alguma trabalho?

Concetta - Existe um trabalho muito forte no campo de grupos de pessoas que passaram por algum trauma. Por exemplo, houve a criação de grupos de musicoterapia para pessoas que perderam entes queridos no desastre do 11 de setembro de 2001 em Nova York (tanto para adultos quanto para crianças), bem como para médicos, paramédicos, policiais, bombeiros que vivenciaram aquela situação. Também existe a formação de grupos em geriatria, quando há uma perda da possibilidade de interagir socialmente. Assim, a musicoterapia ajuda a manter a capacidade de comunicação social entre os próprios pacientes e entre as famílias (ou seja para aquelas que desejam compartilhar com estes indivíduos), sendo este portanto, o objetivo básico deste trabalho. Estão sendo realizadas pesquisas no trabalho de desenvolvimento infantil e de socialização onde descobriu-se que o engajamento em atividades musicais faz com que a criança seja mais cuidadosa e tenha comportamentos socialmente adequados em comparação com as crianças que não recebem estas atividades. O nome da pesquisadora que realizou este estudo é Dr. Laurel J. Trainor.

Camila - No Brasil, a musicoterapia está inserida nacionalmente nas políticas públicas sociais dentro do contexto da proteção social, bem como para as situações de vulnerabilidade social . que há de musicoterapia nos Estados Unidos especificamente nesta área?

Concetta- Existe um trabalho de musicoterapia no campo da violência doméstica filiado aos hospitais (pelos programas de suporte dos hospitais locais) ou em clínicas de saúde mental onde os musicoterapeutas são pagos para realizar este tipo de trabalho. Trabalhos para pessoas sem teto e outros trabalhos de proteção social dependem de financiamento. Para dar um exemplo, um musicoterapeuta foi chamado para trabalhar com um grupo de crianças em abrigos (dentro do setor de acolhimento institucional) e estas crianças estavam com comportamentos socialmente inadequados entre os pares. Portanto, a ideia foi realizar música em grupos para que houvesse mais coesão e interação entre os participantes.

Noemi Ansay - Eu gostaria de saber um pouco mais sobre a formação do musicoterapeuta nos Estados Unidos (disciplinas, os estágios, etc)?

Concetta- Nos Estados Unidos, todos os centros de formação estão dirigidos para a aquisição de competências. Cada universidade tem uma flexibilidade para adaptar o currículo às necessidades que os estudantes precisam atingir. É responsabilidade da universidade identificar e estabelecer as práticas clínicas dentro do seu espaço físico e da comunidade. De acordo com as possibilidades da universidade, cada estudante fica 3 horas por semana (no mínimo), por semestre letivo, em cada instituição disponível pela comunidade em áreas como a gerontologia, a pediatria e a psiquiatria. E no estágio final, depois que a prática acadêmica foi completada, o estudante pode escolher um local de

estágio que está dentro de um cadastro nacional. Ele faz 1200 de estágio, sendo que deste período 900 horas são no local. Dentro do local de estágio o aluno atende diferentes populações (como no hospital onde eu atendo) ou em um local com uma população só.

Camila - É importante deixar a diferença entre prática clínica durante a formação acadêmica e prática de estágio profissional. Ela ocorre depois da formação de quatro anos?

Concetta- Sim, ela acontece como um quinto ano. No caso do mestrado, ela ocorre depois da formação acadêmica que pode ter a duração de 2 ou 3 anos.

Renato - Este estágio funciona como residência?

Concetta- Depende da instituição para saber se vai existir a possibilidade de financiamento ou não deste profissional. Algumas instituições tem a possibilidade de salário, mas muitos lugares não. Mais além destes estágios, há um treinamento avançado (que no Brasil possivelmente deve existir), tal como o método *Imagery Guided and Music* (GIM), o modelo Nordoff- Robbins, formação em unidades de internamento hospitalar e neonatologia.

Renato- Você gostaria de falar um pouco sobre a instituição onde você trabalha e sobre os serviços realizados lá?

Concetta - A organização do trabalho que eu realizo na instituição teve no passado apenas eu como a única musicoterapia durante muitos anos e onde teve um trabalho muito forte na parte de investigação, com uma observação de 24 horas de pacientes com problemas crônicos. Quando Dr. Scaks e eu começamos a trabalhar neste estudo, o Dr. Scaks começou a ficar famoso por conta do seu filme e na mesma época eu virei presidente da AMTA. Assim, houve uma procura pelos programas de televisão e pela mídia e Isso chamou a atenção da administração do hospital que começou a ter interesse no nosso trabalho. No entanto, a presidente do hospital apesar de achar o trabalho muito interessante, disse que não tinha como dar apoio financeiro. Ela disse que caso conseguíssemos o financiamento, poderíamos fazer o trabalho de acordo com a nossa vontade. Então, eu escrevi um edital de pesquisa em música e memória em 1993 e recebi 250000 dólares e eu contratei dois estagiários pagos em musicoterapia por dois anos. O hospital ficou muito entusiasmado novamente e a instituição percebeu que isto seria muito interessante para a sua própria administração e o Dr. Sacks juntamente com a equipe do hospital se deu conta que existia um espaço interessante para o estudo de música e cérebro. Assim, a instituição ajudou a fundar um instituto para estudar a música em funções neurológicas. A iniciativa do instituto era que essas ideias de neurociências e musicoterapia se juntassem, ampliando o campo de ambas as disciplinas. De 1994 até 2003 eu continuei buscando recursos em editais, consegui financiamento e continuei contratando musicoterapeutas. A administração mudou nessa época e eles perceberam que o diferencial do

instituto era o programa de musicoterapia que o tornava mais competitivo perante outros locais e dava mais visibilidade à instituição. Quando ele percebeu que todos os projetos tinham suporte financeiro a partir de editais, houve uma preocupação em não perder recursos para a manutenção do programa de musicoterapia. Assim, todos os gastos do programa inclusive com salários entraram no orçamento do hospital. Dessa forma nós tivemos um grande período de recursos por 5 anos. Nós tivemos a oportunidade de fazer tudo com muita autonomia e muita criatividade nessa época. Ao mesmo tempo o hospital resolveu ampliar os serviços para mais três centros de atendimento do hospital e para o atendimento a domicílio. O meu trabalho portanto foi auxiliar a ampliar a musicoterapia dentro dessas diferentes frentes de trabalho no hospital. No entanto, a administração mudou em 2002 e o sistema de financiamento da *Medicate* também mudou drasticamente no mesmo ano. Nesse sentido, a forma como esses suportes financeiros poderiam ser usados mudou completamente. O pagamento de musicoterapeutas e a manutenção de projetos foram desafios enfrentados pelo instituto que deveria encontrar formas para manter as suas finanças. A partir desse momento, metade dos custos eram financiados pelo programam e a outra metade eu precisava achar formas para encontrar recursos. O meu orçamento é de um milhão de dólares por ano que é dirigido para pagar 7 musicoterapeutas com dedicação integral e também a parte de gerência e administração. Ainda, pagamos de 12 a 15 musicoterapeutas com contrato de autônomo. O hospital hoje através da rede *Central Life Health System* oferece hoje atendimento para mais de 1.400 pessoas por dia. Por sua vez, a musicoterapia é oferecida para mais de 2.000 pessoas por semana.

Camila - Como você faz isso? A partir do atendimento de grupos?

Concetta - Sim, pequenos grupos na área de reabilitação, por exemplo. Outros indivíduos são atendidos a domicílio. Nós desenhamos os atendimentos conforme a necessidade de cada centro. Portanto, temos atendimentos em grupo e em formato individual.

Renato - Como é a relação da musicoterapia com outras áreas de atuação como a fisioterapia e a fonoaudiologia?

Concetta - Nós realizamos atendimentos compartilhados pensando em objetivos comuns com os outros profissionais, bem como o trabalho em parceria com médicos em formação. Uma vez por mês trabalhamos em conjuntos com os psicólogos que também ficam sabendo como funciona a musicoterapia.

Camila - Em nome de todos nós gostaríamos de agradecer a sua atenção. Você poderia encerrar esta entrevista com uma mensagem. O que você deseja para os musicoterapeutas do Brasil no nosso dia (15 de setembro, que será celebrado amanhã)?

Concetta- Em primeiro lugar eu gostaria de parabenizar vocês pela organização deste evento (do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia) e pelo grande número de pesquisas que vocês têm estabelecido. Eu desejo para os musicoterapeutas em geral que este seja um dia para tornarem-se conscientes do reconhecimento da profissão por diversas áreas através do esforço profissional e que o musicoterapeuta não necessite estar provando o tempo todo sobre a importância da musicoterapia.